

## Nota de Abertura

A interrupção de quase 4 anos na publicação, em papel, dos *Cadernos de História e Filosofia da Educação* ficou a dever-se, em grande medida, à transferência deste projecto para a publicação *online* de uma página onde se têm vindo a reunir diversos tipos de materiais que, como os Cadernos, se destinam fundamentalmente ao apoio à leccionação da cadeira de História e Filosofia da Educação ([www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/workinprogress](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/workinprogress)) que tenho vindo a leccionar na FCUL.

Retomamos a publicação com uma brochura integralmente realizada pelo estudante Nuno Ferreira no ano lectivo 2003-2004. Aqui fica desde já o merecido agradecimento pelo cuidadoso trabalho de tradução dos textos e pelo empenhamento e entusiasmo com que, desde o primeiro minuto, aderiu ao projecto de retomar a publicação em papel destes Cadernos.

Neste novo volume, reúnem-se três magníficos textos sobre educação, um de Bertrand Russell e dois de Ortega y Gasset.

O primeiro, escrito por Russell em 1961, é aquele que dá o título ao volume: **“Educação para um mundo difícil”**. Numa época definitivamente marcada pela ciência e pelos seus monumentais efeitos na vida de todos nós, o objectivo certo de Bertrand Russell é chamar a atenção para a incompletude de um ensino que se queira exclusivamente científico. Nesse sentido, Russell defende o valor do ensino da História (curioso que, para Russell, ela não seja uma ciência mas - está implícito - uma das disciplinas de humanidades) e da Literatura. Da História enquanto forma de aceder a uma compreensão universal e imparcial dos diversos grupos humanos e do valor dos seus destinos divergentes; da Literatura enquanto chave privilegiada para a penetração na complexidade da alma humana. É como se Bertrand Russell, face ao imenso poder que a ciência detinha já em 1961 e consciente da ambiguidade dos seus efeitos (não tivesse ele experienciado os horrores da guerra e testemunhado o papel tão decisivo quanto equívoco que a ciência nela foi chamada a desempenhar), quisesse, simultaneamente, defender o valor educativo da ciência e precaver contra os perigos de uma educação estritamente científica, isto é, quisesse alertar para a necessidade de complementar o ensino das ciências com o estímulo para a procura solitária da sabedoria.

O segundo texto, **“Pedagogia e Anacronismo”**, da autoria de Ortega Y Gasset, chama a atenção para um conjunto de dissonâncias constitutivas do discurso pedagógico. Em primeiro lugar, o facto de a pedagogia visar a aplicação da filosofia aos problemas educativos sem ter, ela mesma, um acesso directo e originário à filosofia. Em segundo lugar, o facto, decorrente do anterior, de que, ao ter que se socorrer de intermediários, ao receber ideias filosóficas em segunda mão, já digeridas por outros (os mestres “da geração anterior”), a pedagogia necessariamente comportar um factor de desactualização. Exemplo desse anacronismo é, segundo Ortega, pretender-se que “o objectivo global da educação é formar cidadãos úteis, no sentido de servirem os fins de um determinado estado e os da humanidade”. Como se a ordem política fosse estável e definitiva, como se o atributo da cidadania fosse um dos mais valiosos feitos humanos, enfim, como se o homem, acima de tudo o que profundamente é, devesse ser, antes de mais, um cidadão. Como Ortega escreve: “quem pesar bem o sentido das palavras

«educação do Homem», não pode senão soltar uma gargalhada quando lê que o *fim* da educação – nada menos que o *fim* – é formar cidadãos. Seria como dizer, por outras palavras, que o fim da educação é ensinar o Homem a usar o chapéu-de-chuva. Cidadão! E tudo o mais que o homem é muito mais profundamente, mais permanentemente, para além de cidadão? Quem não se dá conta do incrível erro de perspectiva que essa doutrina pedagógica comete?” Pergunta tão acertada e que, estranhamente, ocupa hoje o lugar de uma inquestionável evidência no triste cenário pedagógico que é o nosso!

O exemplo é ainda eloquente quanto ao terceiro anacronismo denunciado por Ortega: a terrível dependência em que a pedagogia é sistematicamente colocada face à política. Pretender que a educação tem por finalidade “fabricar cidadãos”, equivale, ou a cair na ilusão da perenidade do Estado e dos valores que ele diz defender, ou a esquecer que o Estado para o qual as crianças de hoje são educadas já não existirá amanhã quando elas forem chamadas a participar activamente na vida política, ou, mais grave ainda, a pretender que o homem, na universalidade internacionalista do projecto que o anima, pode ser reduzido à condição de membro de uma qualquer comunidade histórica circunstancialmente determinada. Daí que, para Ortega, como muito antes dele para Platão, “é a política que se deve adaptar à pedagogia” e não o inverso.

Curiosamente, o terceiro texto, “**Apontamentos para uma Educação para o Futuro**”, também da autoria de Ortega Y Gasset e escrito trinta anos depois, em 1961, ocupa-se daquilo mesmo que o segundo deixou em suspenso: será mesmo a política que deve adaptar-se à pedagogia? Como? Se a pedagogia depende de uma filosofia da educação e esta, por sua vez, depende de uma filosofia geral que não existe hoje porque hoje não há uma mas várias filosofias? Para sair deste impasse, Ortega retoma uma das suas teses mais caras: aquela que revela a nossa inexorável situação no “nosso tempo”. Limite com que tropeçamos a cada instante, circunstancia que se “interpõe angustiosamente entre nós e tudo o que queremos fazer ou ser”, o “nosso tempo” é hoje, segundo Ortega, marcado por uma grave e insólita “diversidade filosófica”. Mais do que uma pluralidade de interpretações do mundo, essa diversidade constitui indicador seguro do estado de dissociação do corpo social. Mais do que perante diversas maneiras de pensar o mundo e os homens, estamos hoje confrontados com incompatibilidades radicais, cisões profundas, oposições extremas entre classes, religiões, nacionalidades, rupturas culturais inauditas (na arte, na técnica, na ciência) que fazem desaparecer o subsolo comum sob o qual se poderia erguer uma filosofia suficientemente unitária para que, sobre ela, se pudesse depois desenhar o perfil de uma pedagogia apontada à preparação das novas gerações.

Daí que Ortega defenda ser urgente reunir uma equipa de pessoas capacitadas que, não numa lógica de especialização, mas em regime de ampla e continuada colaboração interdisciplinar, se dedicasse ao estudo profundo, rigoroso e amplo, da situação do “nosso tempo”. No contexto de um novo tipo de instituição que visasse, não o progresso das ciências, mas “o progresso na clarificação da situação presente do homem ocidental”, importaria determinar as linhas orientadoras de uma filosofia da educação capaz de dar conta dos traços essenciais do presente. Mais do que fazer prognósticos para o futuro, caberia à filosofia da educação pensar o presente.

É que, se é certo que “a educação consiste em preparar, no presente, vidas futuras”, importa ter consciência de que, no presente, é que fermenta o futuro.

Olga Pombo

